

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

145

INSCRIÇÕES 592-594



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA | SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

2017

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE PLACA FUNERÁRIA DA HERDADE DE
FONT'ALVA (ELVAS)

Fragmento de placa funerária romana de mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, recolhido, há cerca de oito anos, nos terrenos da Herdade de Font'Alva (Santa Eulália, Elvas, Portalegre).¹

A referida herdade situa-se a norte da povoação de Barbacena e a sudoeste da de Santa Eulália (Elvas), ocupando actualmente uma área de cerca de 2000 hectares. A peça terá sido encontrada na sequência de trabalhos agrícolas realizados nos terrenos que se estendem, no sentido sul-norte, pela zona do Torrão e ao longo da Ribeira da Murteira. A fractura da peça sugere que esta já se encontraria fragmentada à data da respectiva descoberta no decurso dos trabalhos de lavoura, sem que tenha sido possível localizar a parte da lápide em falta.

De registar que todo o terreno da propriedade de Font'Alva revela um importante potencial arqueológico, com evidências documentadas desde o período paleolítico até à época altimedieval e moderna (ALMEIDA, 2000; AREZES, 2010; PAÇO & FERREIRA, 1951; PAÇO, FERREIRA & VIANA, 1957). Em meados da primeira metade do séc. XX, terá sido aí identificada uma

¹ Agradecemos ao Sr. Eng. José Luís Sommer d'Andrade, actual proprietário da Herdade de Font'Alva, a autorização e facilidades concedidas para este estudo, bem como as informações relativas ao achado da peça.

sepultura de cronologia romana (PAÇO & FERREIRA, 1951; PAÇO, FERREIRA & VIANA, 1957). As informações sobre este enterramento, designadamente no que respeita à localização, morfologia e conjunto funerário associado, são parcas e pouco esclarecedoras (PAÇO, FERREIRA & VIANA, 1957). Assim sendo, a identificação no terreno do local da dita sepultura revela-se actualmente bastante problemática, assim como o apuramento da respectiva cronologia. À luz dos dados disponíveis, a formulação da hipótese de uma eventual relação entre o espaço funerário identificado em meados do século passado e a origem da lápide funerária em estudo, apesar de tentadora, não se afigura viável.

A moldura que limita o campo epigráfico, rebaixado em relação a ela, é de gola directa, com filete a demarcá-la pela parte de fora.

Dimensões: 42 x 31,5 x 6 (totais)

Campo epigráfico: 27,7 x 25,5

D (iis) M(anibus) / ATILIA · [MAXI]/MA · AN(norum) ·
XX[...?] / L(ucia) · CVR(ia) · ATILI[ANA] / ⁵ MATER · ET ·
[PATER] [?] / SERVATV[S] [FIL(iae)] / PIAE · F(aciendum) ·
C(uraverunt)

Aos deuses Manes. Atilia Máxima, de [...] anos. Lúcia Cúria Atiliana, a mãe, e o pai Servato à filha piedosa mandaram fazer.

Alt. das letras: l. 1: 2,2; l. 2: 2,7; l. 3: 2,9/3,1; l. 4: 2,6/2,8; l. 5: 2,9/3,4; l. 6: 2,7/2,9; l. 7: 2,4/2,9. Espaços: 1: 1,1; 2: 1,1; 3: 0,9; 4: 0,6/1; 5: 0,8/1; 6: 0,9; 7: 0,7; 8: 1.

O campo epigráfico, alisado na perfeição, permitiu aprimorada gravação a bedame, inclusive com cuidadoso remate das extremidades das letras.

Temos, possivelmente, a metade esquerda da placa, mormente se considerarmos a existência de um hipotético eixo de simetria que passaria pelos sinais de pontuação (no geral, bem triangulares e de vértice para cima) da linha 2 e da final. Afigura-se-nos que a paginação deve ter seguido justamente um eixo de simetria, sobretudo tendo em conta a 1^a e a última linhas, estando

as demais sensivelmente alinhadas à esquerda, o que nos leva a supor que também o estariam à direita, formando uma ‘caixa’. São bastante regulares os espaços interlineares: o *ordinator* procurou, na realidade, o aproveitamento total do espaço disponível, inclusive mantendo um intervalo mais folgado do que o normal entre os caracteres. Não usou, porém, escantilhão ou não ligou grande importância à regularidade geométrica das letras, que diferem na altura nem obedecem a um *ductus* rígido, dando mesmo a impressão de que o texto foi esboçado à mão levantada, fazendo jus à perícia do *ordinator*. O nexa AT – não muito frequente na epigrafia da Lusitânia – confirma, por outro lado, a sua experiência.

Os caracteres são, por isso, actuários, ainda que denunciem influência do estilo capital quadrado, por exemplo no traçado do E (de barras bem paralelas e iguais), do P aberto e do R, que é nitidamente feito a partir do P; mas já o M e, de modo especial, o N da l. 3 (em que se não conseguiu boa ligação no vértice inferior) denunciam o carácter actuário que ora se assinalou.

Na l. 1, preferimos D(is) M(anibus) sem S(acrum), por uma questão de estética.

Na l. 2, não cremos necessária a referência à filiação, não só por evidente falta de espaço, mas também porque a dedicatória é, verosimilmente, feita pelos pais, o que torna supérflua essa menção. Como o *cognomen* termina em –MA no princípio da l. 3, apontamos para reconstituir o *cognomen* mais comum: *Maxima* ou, até, *Maxuma*.

Na l. 3, não pode saber-se, ao certo, a idade; se for apenas XX, poder-se-ia pensar na presença também da fórmula funerária H(ic) S(ita) E(st); não seria despropositado e ter-se-ia espaço.

Perturba-nos, hemos de confessar, o L inicial da l. 4, dada a invulgaridade de uma mulher ter *praenomen*. Não esquecemos, todavia, que, na Herdade da Salsa, em Serpa, que pertence ao mesmo horizonte cultural desta epígrafe, se registou a cupa de *C. Valeria Amma* (HEpOL registo nº 5216). Ainda cogitámos tratar-se do final de S. T. T. L.; contudo, postularia também H. S. E. e não há mesmo espaço para tudo. Por conseguinte, apesar de não usual, acreditamos ser possível que a mãe de *Atilia* se pudesse ter chamado L(*ucia*) CVR(*ia*) ATILI[ANA]. Do segundo I há vestígios na fractura.

Na l. 5, a copulativa ET a seguir a MATER implica a palavra

PATER, que também estará por extenso, uma vez que MATER foi gravada com tanta largueza.

Na l. 6, teremos, portanto, a identificação do pai, apenas com um nome, *Servatus*: reconstituir o S final é mais do que verosímil. Trata-se, por sinal, de um *cognomen* nada frequente na epigrafia peninsular, se atendermos a que, em HEPOL, se citam apenas dois testemunhos: registos n.ºs 19 629 (de Tarragona) e 21 660 (de Cáceres). Segundo KAJANTO (p. 18 e 256), é um daqueles *cognomina* latinos susceptíveis de relacionar com um espaço geográfico preciso, pois dos 98 testemunhos documentados no conjunto do CIL, 61 são da *Gália Narbonense* (CIL XII).

Na l. 7, o adjectivo PIAE postula que, na linha anterior, haja o substantivo correspondente, que será FIL(*iae*). E optamos pela abreviatura por uma questão de espaço. O ponto que vem a seguir a PIAE sugere-nos a fórmula final típica das inscrições funerárias em placas desta região: F(*aciendum*) · C(*uraverunt*), reconstituição que se adequa ao espaço e ao texto.

De *gentes Curiae* há testemunhos no território lusitano, dos quais o mais citado será, porventura, *C. Curius Firmanus*, para quem a esposa, *Curia Vitalis*, mandou lavar sumptuoso epitáfio, na *civitas Igaeditanorum* (HEPOL registo n.º 21 461).²

Para além de exemplos dispersos, mormente no *conventus Pacensis*, a acumulação de *Atilii* no termo de *Olisipo* é deveras evidente (*Atlas*, mapa 43, p. 103), onde temos mesmo um cavaleiro que com essa família está relacionado: *C. Cominius Atilianus* (CIL XII 263). No Sul da Lusitânia, não poderá deixar de referir-se o pedestal, achado em S. Bartolomeu de Messines (IRCP 60), de uma estátua prateada dedicada a Júpiter Ótimo Máximo *in memoriam L(ucii) Atili(i) Maximi Severiani* pelos seus pais *L(ucius) Atil(ius) Atilianus* e *Artullia Severa*.

Uma palavra, ainda, sobre a presença do adjectivo *pia*, que virá a utilizar-se na expressão *pius in suis*, mas que isoladamente não é comum: em CIL II 263 não chega à dezena o número de exemplos. Mais uma prova da «antiguidade» desta epígrafe, pois

² No *Atlas* citado na bibliografia, dá-se conta de pouco mais de uma dezena de *Curii*, ocorrendo com mais frequência em torno da referida *civitas Igaeditanorum* e de *Olisipo* (p. 157, mapa 109), circunstância que nos sugere serem testemunhos – tal como este – dos primórdios do Império.

bem depressa o normal será o superlativo *pientissima*.

Aparentemente singelo, este epitáfio – datável, como atrás já se deixou perceber, de meados do século I da nossa era – revela-se, do ponto de vista histórico, de elevado interesse, pela singular onomástica das personagens nele mencionadas e, de modo especial, pelos problemas de interpretação que levanta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria José de, *Ocupação Rural Romana no Actual Concelho de Elvas*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000 (policopiado).

AREZES, Andreia, *Elementos de Adorno Altomedievicos em Portugal (Séculos V a VIII)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia (2º Ciclo) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

ATLAS = NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida (Fundación de Estudios Romanos) – Bordéus (Ausonius Éditions), 2003.

HEPOL = *Hispania Epigraphica on line*, acessível em <http://eda-bea.es/>

IRCP = ENCARNAÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. — Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra, 1984. [O número indica o número da inscrição no catálogo]. <http://hdl.handle.net/10316/578>

KAJANTO, Iiro, *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.).

PAÇO, Afonso do; FERREIRA, Octávio da Veiga, «Antiguidades de Fontalva (Elvas)», *Revista de Guimarães* 61 (3-4) 1951 416-425. Acessível em: http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG061_19.pdf

PAÇO, Afonso do; FERREIRA, Octávio da Veiga; VIANA, Abel, «Antiguidades de Fontalva. Neo-eneolítico e época romana», *Zephyrus* 8 1957 111-133: http://campus.usal.es/~revistas_trabajo/index.php/05147336/article/view/3637/3654

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
MÓNICA ROLO



592